

# Poéticas visuais do encontro ao fotografar a performance cênica de *Neci*

*Visual poetics of the encounter while photographing the scenic performance of Neci.*

*Poética visual del encuentro al fotografiar la actuación escénica de Neci*

Daniel Macêdo

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: [daniel.3macedo@gmail.com](mailto:daniel.3macedo@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1415-7792>

## RESUMO:

Resultado de investigação cênica realizada pela Cia. Ortaet de Teatro, *Neci* remonta as experiências narrativas da sertaneja idosa e contadora de histórias em comunidade rural de Quixelô, no Ceará. Ao interagir com a performance a partir da ação fotográfica, a poética visual se redimensiona ao inserir o fotógrafo como um dos agentes na cena e ao tomar outras dimensões imagéticas como construções de sentidos resultantes do encontro. Neste ensaio, dialogo com Rancièr (2012) para discutir as possibilidades de agência dos sujeitos envolvidos na instabilidade de sentidos da cena teatral e, nisto, realizar este exercício em que a fotografia desponta como inscrição narrativa dos encontros na experiência cênica.

**Palavras-chave:** *Teatro. Fotografia. Poética visual. Performance.*

## ABSTRACT:

Result of a scenic investigation conducted by Ortaet Theater Company, *Neci* revisits the narrative experiences of an elderly sertaneja (inhabitant of the Brazilian backcountry) and storyteller in the rural community of Quixelô, in Ceará. By interacting with the performance through photographic action, the visual poetry is redimensioned by incorporating the photographer as one of the agents in the scene and by taking other imagetic dimensions as constructions of meanings resulting from the encounter. In this essay, I dialogue with

Rancière (2012) to discuss the possibilities of agency of the individuals involved in the instability of meanings within the theatrical scene, and in this, I perform this exercise in which photography emerges as a narrative inscription of the encounters in the scenic experience.

**Keywords:** *Theater. Photography. Visual poetics. Performance.*

RESUMEN:

Resultado de la investigación escénica realizada por la Cía. Ortaet de Teatro, *Neci* remonta las experiencias narrativas de la anciana sertaneja y cuentista en una comunidad rural de Quixelô, Ceará. Al interactuar con la performance desde la acción fotográfica, la poética visual se redimensiona al insertar al fotógrafo como uno de los agentes en la escena y al tomar otras dimensiones de la imágenes como construcciones de significados resultantes del encuentro. En este ensayo dialogo con Rancière (2012) para discutir las posibilidades de agencia de los sujetos involucrados en la inestabilidad de sentidos en la escena teatral y, así, realizar este ejercicio en que la fotografía emerge como inscripción narrativa de encuentros en la experiencia escénica.

**Palabras clave:** *Teatro. Fotografía. Poética visual. Actuación.*

Artigo recebido em: 15/03/2023  
Artigo aprovado em: 29/05/2023

*Neci* é uma investigação cênica em torno das histórias narradas pela matriarca rural que dá nome à poética realizada pela Cia Ortaet de Teatro, de Iguatu, na região centro-sul do Ceará. Nos palcos, *Neci* é encarnada pela atriz Betânia Lopes, sob direção de José Filho e dramaturgia de Aldenir Martins que, juntas, partilham esforços e reflexões em torno de construções cênicas e biográficas atravessadas por espacialidades sertanejas.

Em 31 de janeiro de 2021, durante realização cênica em uma das temporadas de circulação, contribuí com os esforços de reflexão e de tessituras em poéticas visuais ao ampliarmos a dimensão de sentidos da cena a partir da interação com a ação fotográfica.

Nesse contexto, me somo à trupe munido de uma Nikon D5100 e de uma lente fixa AF Nikkor 50mm f/1-1.8D para atuar como fotógrafo. A poética cênica, fazível no teatro em movimentos imagéticos sob o terreno instável do presente, complexifica-se ao inserir um fotógrafo no somatório de agentes possíveis para interação com a atriz. Essa conjunção condiciona, por meio da inscrição fotográfica, uma tessitura outra de sentidos partilháveis para (re)compor histórias. Temos, assim, as fotografias como uma outra dimensão narrativa das poéticas visuais possíveis ao mobilizar o lugar de espectador como agente partícipe e decisivo dessa composição.

Jacques Rancière (2012, p. 9) nos propõe que “o teatro é o lugar onde uma ação é levada a sua consecução por corpos em movimento diante de corpos vivos por mobilizar”, sendo, estes últimos, agentes de poder inseridos em negociações simbólicas e em práticas de linguagens. Ao se realizar uma experiência cênica, diferentes espectadores acolhem as proposições narrativas de modos singulares ao “relaciona[r] o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares”, como antevira Rancière (2012, p. 17). Assim, o encontro entre agentes da cena permite aos envolvidos acionar uma rede textual de memórias, de repertórios e de experiências encarnadas; podendo, com elas, textualizar em conjunto com a obra cênica. Em atos de leitura e de escrita, identificando a amplitude e o caráter incontrolável nos processos de significação, as agências dos espectadores demarcam atos de emancipação às clausuras de um consumo vertical aportadas em outras propostas cênicas.

O espectador, nessa leitura, não é um perfil homogêneo uma vez que a ele são atribuídas capacidades de interações em performances de adesão e de ruptura com os chamados da cena que, por sua vez, desmontam as pressuposições de uma plateia uniforme. Rancière (2012, p. 20-21) nos lembra que a singularidade do espectador está no “poder que cada um tem de traduzir à sua maneira o que percebe”, condicionando aventuras ímpares que não se assemelham umas às outras e, assim, reconhecendo ser esta nossa “situação normal” em face às agências que praticamos. É rompendo com a ideia de passividade que nos emancipamos diante das obras e valoramos nosso papel como atores em partilha.

Neste exercício, tomo a expressão fotográfica como um ato emancipatório, admitindo o lugar de quem assiste, integrante da plateia, como participante das tensões que firmam as interações poéticas no instante em que a obra ali se desenvolve. Este foi meu primeiro contato com a

produção e, assim, as fotografias são possíveis sob a lógica dos afetos que afloram ao interagir com a obra deixando “que o encontro nos guie”, como ensina Moriceau (2020, p. 23). Perambulava pelo espaço atendendo convocações da cena, seguindo pistas de interação que a narrativa teatral me indicava. Com isso, dançava pelas bordas de um palco fechado em formato de arena sob o ritmo das performances ali toadas. Aderia, assim, aos chamados sensíveis que urgiam ao assistir as cenas e, com elas, mover-me para compor uma camada outra de proposições visuais.

Antes de iniciar a sessão, Cecília percorria a área cênica (Fig. 1) e, em atuações imprevistas no roteiro, realizava interações com o cenário: uma mesa de cozinha pronta para o labor de quem intenciona bem receber as visitas. A performance, ali, foi iniciada com a intervenção da menina no espaço cênico enquanto operadores realizavam testes de luz.



Figura 1: Cecília torna-se parte da poética de *Neci*. Fonte: Daniel Macêdo/*Neci*, 2021.

A atriz e a personagem se misturam e rompem o limiar da diferença ao encontrar Cecília no palco, que, a saber, é afilhada de Betânia. A acolhida (Fig. 2), como uma história que se desvela ao colo, é o pontapé da narração das experiências. Com isso, já não é possível saber se as palavras são de Betânia, de *Neci* ou de outra mulher sertaneja ao acolher novas gerações em suas cozinhas. Fato é que a intervenção de Cecília, para além de confrontar o roteiro, deixa-nos pistas da possibilidade de agência de espectadores.



Figura 2: Ao entrar em cena, a mulher acolhe Cecília. Fonte: Daniel Macêdo/Neci, 2021.

As poéticas se desenvolvem na cozinha de Neci. Intempestiva, ela nos conta histórias, lembranças, memórias e outras conjugações possíveis para quem fia o tempo enquanto vive dinâmicas cotidianas sem aderir a uma lógica linear. As anedotas sobre o que viveu surgem articuladas a elementos do cotidiano, das experiências com o tempo marcadas no dia a dia. Ali, ela nos acolhe com narrativas em espaço que lhe é familiar ao passo em que nos familiariza ao tomar referências de ambiências partilhadas pelos agentes da plateia em razão das práticas sociais possíveis em Iguatu.



Figura 3: Bruacas e café quente para acolher espectadores. Fonte: Daniel Macêdo/Neci, 2021.



Enquanto faz o café e a bruaca, Neci nos convida a ouvir suas histórias, a interpelá-la sob gestos de curiosidade. Assim, a poética assume uma experiência vivencial que, aos meus olhos, aproxima-se das relações que nutria com minha avó – que narrava vividos em meio ao terreiro. A cada contação, os utensílios domésticos ganham contornos outros em razão das mobilizações de sentido imbricadas pela atriz. A poética nos deixa ver a cozinha tanto como o palco de Neci em seu sítio quanto de Betânia ao performá-la.



Figura 4: Neci que cozinha; Neci na cozinha. Fonte: Daniel Macêdo/Neci, 2021.



Figura 5: Anúncios de uma cozinha como palco performativo. Fonte: Daniel Macêdo/Neci, 2021.





Figura 6: Não se trata de um pote: trânsitos de sentidos narrativamente erguidos. Fonte: Daniel Macêdo/Neci, 2021.





Figura 7: Atos de cozinhar: narrar. Fonte: Daniel Macêdo/Neci, 2021.

A atriz, ao interagir com componentes da cena e com o público presente, toma o ato fotográfico como um dos mecanismos para constituir relações em meio à performance ao dialogar com a câmera e tensionar os deslocamentos do fotógrafo. Isto é, ela considera que os atos fotográficos ocorrem em conjunto à atuação, tensionando a produção das visualidades e sendo por ela também afetada. Essas entramações fazem do fotógrafo parte da cena: inscrevendo histórias em imagens, a fotografia redimensiona os contornos visuais da performance presencial ao encarar um diálogo projetado aos públicos vindouros da fotografia e, com ela, ampliar as dinâmicas de contato com a poética que já não se encerra ao fim do ato teatral.



Figura 8: Neci confronta o fotógrafo – e o público das imagens. Fonte: Daniel Macêdo/Neci, 2021.

Dentre os integrantes da plateia, a atriz performa relações com o fotógrafo e com a câmera que ali acena possibilidades de interlocução e de relações com outros públicos. O movimento da atriz em direção à câmera de um espectador, nas imagens que compõem a Figura 8, não interromperam o fluxo da cena, mas (des)locaram as programações previstas na dramaturgia ao disporem o ato fotográfico como uma possibilidade de realização da cena naquele momento, naquele lugar. Ali, as textualidades que materializam estas imagens são depoentes do diálogo firmado entre atriz, fotógrafo e outros agentes ao performarem em conjunto e, em simbiose, admitirem dinâmicas afetivas que permeiam as ações das envolvidas.

O movimento de um espectador com a câmera em direção à atriz em performance que configura as fotografias dispostas nas figuras 2 a 7 são, também, composições de diálogo. Ainda que a encenação não tome miradas com a câmera como alvo principal, a inserção da ação fotográfica pela plateia de modo consciente aos demais agentes fazem da cena um exercício que considera – e, por vezes, valoriza – essa iniciativa do público. Deste modo, é justo tomarmos que todas estas imagens configurariam diálogos diretos se considerarmos que diferentes aberturas, em adesões e em recusas, são realizadas pela atriz e por fotógrafos ao se entramarem em configurações de sentidos.

A textualização fotográfica, possível no encontro entre atriz e fotógrafo em meio à performance cênica, desloca as tramas temporais inerentes à presencialidade da cena e convocam o emergir da narrativa a partir de um disposto indiciário que aciona as histórias de *Neci*. As fotografias, diferente de documentos do real, se fazem como dispositivos sógnicos que nos permitem ampliar a poética visual para além dos limites do instante temporal ao aliarmos a intervenção fotográfica com a construção cênica. Esse é um gesto para valorar as potências e as limitações de cada processo e dos agentes envolvidos para, com eles, nos deslocarmos das lógicas utilitaristas em que uma performance se faz secundária a outra. Ali, a cena teatral em aliança com a escrita fotográfica eram performances possíveis em meio às combinações entre si, por um lado; mas também em composição com outros agentes que ali tensionavam a arena do presente como um palco movediço, instável e aberto para diferentes modos de participação e de engajamento.



O urgir de poéticas visuais ao aliar processos teatrais e fotográficos suscitam dramaturgia, iluminação, sonoplastia e outras dimensões que estruturam as poéticas como terrenos comuns que, no todo, influenciam-se mutuamente nas produções e fogem ao controle do diretor, da atriz e do fotógrafo. São, portanto, sujeitos decisivos e que fazem dessas poéticas visuais um processo partilhado e essencialmente coletivo.

A interação conjunta e partilhada produz pontes de encontros entre linguagens e performances. Quando tomamos a emancipação dos espectadores como uma demarcação para instabilidade das poéticas visuais a se firmarem, tanto a performance cênica quanto a fotográfica se tornam move-diças como inscrições possíveis para partilhas sensíveis. São, portanto, confluentes.

## REFERÊNCIAS

CIA ORTAET DE TEATRO. **Neci**. Direção: José Filho. Iguatu: Cia. Ortaet de Teatro, 2021.

MORICEAU, Jean-Luc. **Afetos na pesquisa acadêmica**. Belo Horizonte: FAFICH: PPGCom UFMG, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Ed. WMF Martins, 2012.